

# SEVERA ROMANA: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA “HERÓINA DA HONRA”

Jessica Maria de Queiroz Costa  
Universidade Federal do Pará  
jessicamqcosta@gmail.com

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo elucidar a história de Severa Romana, conhecida como a “heroína da honra”, a memória que predominou e predomina no pensamento popular até os dias de hoje. Além disso, pretende pensar na importância da história de vida e morte dessa mulher que ocasionou ações tradicionais, educacionais e artísticas.

**Palavras-chaves:** Severa Romana; história, memória, ações.

**Abstract:** This article aims to expound Severa Romana’s life, known as “hero of honor”, the memory that prevailed and still prevails through people’s thoughts nowadays. And think about the importance of the history of her life and death that caused traditional, educational and artistic actions.

**Keywords:** Severa Romana; history; memory, actions.

## 1 INTRODUÇÃO

O fim trágico de Severa Romana repercutiu no início do século XX e ainda repercute nos dias de hoje. Severa Romana Ferreira, uma mulher brasileira de 19 anos, casada com o cabo de esquadra do 15º Batalhão de Infantaria, Pedro d'Oliveira de 22 anos, a qual foi brutalmente assassinada pelo cabo do mesmo batalhão, Antonio Ferreira dos Santos de 38 anos. Para muitos, Severa morreu para defender sua honra e de seu marido. Sua história trágica caiu no conhecimento popular. Desde então, criou-se a tradição de cultuá-la fazendo pedidos e agradecimentos.

## 2 MORTE E VIDA NA HISTÓRIA DE SEVERA ROMANA

Severa vivia no período da Belle Époque. Era uma época de busca por modernização e desenvolvimento no país. Para tanto, em Belém, assim como em outras capitais, várias medidas de melhorias foram estabelecidas, porém estas medidas não eram direcionadas a todos os habitantes da cidade. A autora, Maria de Nazaré Sarges, em seu livro *Riquezas produzindo a Belle Époque*, retrata claramente à quem era destinado todas as ações de avanço do então intendente Antônio Lemos

“Não obstante, temos claro que uma série de melhoramentos foram realizados no espaço urbano de Belém, como pavimentação das ruas, construção de praças e jardins, usinas de incineração de lixo, limpeza urbana, tudo isso controlado por um código de posturas, baseado em idéias liberais. Entretanto, todo esse “progresso” era localizado e dirigido à área central da cidade, onde habitava a elite local e parte da classe média nascente” (SARGES, 2002, p.142).

O importante deste enfoque é esclarecer que Severa Romana não era uma privilegiada das melhorias que o intendente Antônio Lemos adotou. Severa morava na rua João Balby, localizado no bairro do Umarizal, trecho entre a atual avenida Alcindo Cacela e 14 de Março da cidade de Belém, tal bairro era quase isolado e perigoso, pois “lá moravam indivíduos que costumavam dar trabalho à polícia.” (CALDERARO, 2007, p.39).

Severa era uma mulher grávida que trabalhava como lavadeira para ajudar no sustento da casa e segundo os seus vizinhos, uma cômpute de conduta impecável como diz Maria Antonia “(...) Severa Romana era uma mulher muito onesta muito seria de conducta inneprehensivel (...)” (Processo Criminal de Severa Romana online, p.33). Para as pessoas de seu cotidiano, Severa era uma mulher digna de honestidade e respeito.

Severa estava nos últimos estágios de gestação de seu primeiro filho e foi morta tragicamente à navalhadas ao negar-se ceder sexualmente para seu algoz que morava junto ao casal por motivos econômicos. Antonio era conhecido de Pedro d’Oliveira.

Em sua defesa por escrito, Antonio Ferreira infere que a vítima flertava com ele quando o marido, Pedro d’Oliveira, não estava presente: “(...) e às escondidas do marido mi derigia pelerias (...)”. (Processo Criminal de Severa Romana online, p.55). O Jornal *O Pará* também descreve que “Antonio Ferreira disse que (...) ella já ha muito era sua amante” (O PARÁ, 1900, p.2).

Percebe-se que o réu tentava inferir que Severa não era uma “mulher de respeito”, para assim, “legitimar” seu assassinato e posteriormente ofuscar a identidade de “mulher de conduta” de Severa e sair ileso da justiça. Porém, as testemunhas do caso julgavam Severa como exemplo de virtude.

Para a época, o modo que Severa morreu foi considerado um ato covarde e cruel, devido às suas condições físicas – estava prestes a dar à luz de seu primeiro filho -, logo, presume-se a disparidade de força entre a vítima e o assassino. Ao analisar as condições dos crimes, não é difícil imaginar uma ânsia por justiça por parte da população.

Em uma das inúmeras páginas do processo de Severa Romana, o escrivão José Maria Pinto Marques relata sobre uma grande confusão em um dos dias do julgamento, no dia 31 de julho de 1900

“Ao chegar no prédio onde funcionava o processo do referido cabo, notei que havia grande quantidade de pessoas do povo, e que reunidas começaram em gritarias e dirigindo epithetos como seja: fora féra fardada – isto reproduziu-se por diversas vezes ,e, vendo que estes insultos eram dirigidos ao preso, tratei de indagar sobre sua apresentação, obtendo resposta do escrivão que podia retirar-me com ele, o que imediatamente fiz. Ao sair fui vaiado pelo povo aglomerado, que dirigia insultos e

ameaçava apedrejar a Antonio Ferreira. (PROCESSO CRIMINAL DE SEVERA ROMANA ONLINE, p. 22).

O que o escrivão Pinto Marques descreve acima mostra a indignação do povo quanto ao homicídio de Severa Romana. Tal relato é corroborado no *Jornal A Província do Pará*:

“O cabo Ferreira, assassino cruel de Severa Romana, a victima do dever conjugal, compareceu hontem, perante o juiz do segundo districto criminal afim de se processado pelo crime horroroso, de que já nos temos tantas vezes ocupado, sob a epígraphes acima.

O assassino apresentou-se fardado e estava como sempre, calmo e arrogante. Depois de se achar em presença do juiz, o réu pediu licença para agua e ao dirigir-se para um pateo interior, existente no edificio do tribunal, foi acompanhado por muitos populares. Como o cabo Ferreira olhasse a multidão desdenhosa e afrontosamente, esta prorrompeu em gritos de mais contra o criminoso. Os populares eram em tão grande numero, que as praças a custo conseguiram proteger o assassino de um linchamento que estava iminente” (*Jornal A Província do Pará*, 1900, p. 2).

Vários periódicos do *Jornal A Província do Pará* denomina Severa Romana como “Heroína da Honra” (*A PROVÍNCIA DO PARÁ*, 1900). As matérias sobre as novidades do julgamento de Severa eram iniciadas com esta denominação. Depois da morte de Severa, durante o mês de julho, era constante uma matéria da atual situação do julgamento da “heroína” neste jornal.

Este mesmo jornal ajudou a promover o arrecadamento de doações para a construção da sepultura de Severa, além de divulgar frequentemente na página do jornal a quantia e os nomes de doadores. (*Jornal A Província do Pará*, 1900).

Nos primeiros meses do processo, a imprensa considerou Severa Romana uma “vítima de seu dever conjugal” (*FOLHA DO NORTE*, 1900, p.1). O que nos costumes da época, era o seu dever ser a mulher exemplar e que infelizmente, ao executar esse papel morreu de forma trágica. Uma morte de cunho violento e trágico trouxe à população vontade de justiça.

Por conta de seu caso ter sido repercutido pelos principais jornais da cidade, o ato de Severa serviu para reforçar o exemplo de conduta das mulheres da cidade. Na época da Belle Époque, Rachel Sohiet ressalta:

“[...] Especificamente sobre as mulheres recaía uma forte carga de pressões acerca do comportamento pessoal e familiar desejado, que lhes garantissem apropriada inserção na nova ordem, considerando-se que delas dependeria, em grande escala, a consecução dos novos propósitos. [...] A medicina social assegurava como características femininas por razões biológicas: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. [...] As características atribuídas às mulheres eram suficientes para justificar que se exigisse delas uma atitude de submissão, um comportamento que não maculasse a sua honra. (SOHIET, 2001, p. 362 e 363).

O trecho acima mostra as características de conduta da mulher daquela época, porém estes aspectos eram frequentemente direcionados às mulheres da elite. Conforme Franciane Gama “Sendo Severa Romana das camadas populares – muitas vezes pensadas como ‘classes perigosas’ (CHALHOULB, 1996, p.29) – sua atitude diante da morte e de sua honra pode ter causado estranheza.”(LACERDA, 2012, p.207).

Desse modo, podemos inferir que a condição social de Severa também ajudou na grande popularidade que o caso criminal tomou. Afinal, para muitos habitantes daquela época, não era comum que uma mulher da classe de Severa se preocupasse com tais valores. Ela se tornou símbolo de fidelidade conjugal.

Ao passar por meses de julgamento, enfim, veredicto do processo se dá com a condenação do cabo Antonio Ferreira, o qual recebeu “30 anos de prisão celular”, de acordo com o processo criminal. (PROCESSO CRIMINAL DE SEVERA ROMANA ONLINE, P. 91).

### **3 SEVERA ROMANA E MEMÓRIA**

De acordo com Jacques Le Goff, desde a antiguidade romana, o *monumentum* tende a especializar-se em dois sentidos, porém para o caso de Severa Romana, vale ressaltar um deles, o qual “um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte.” (LE GOFF, 1990, p. 462). A história de Severa Romana tende a se aproximar a esse sentido da antiguidade romana.

Após sua morte, Severa permaneceu no pensamento popular e isso se deu pelas diversas razões já comentadas, talvez a maior delas seja porque ela foi exemplo de conduta para todas as mulheres da época, sem distinção de classe.

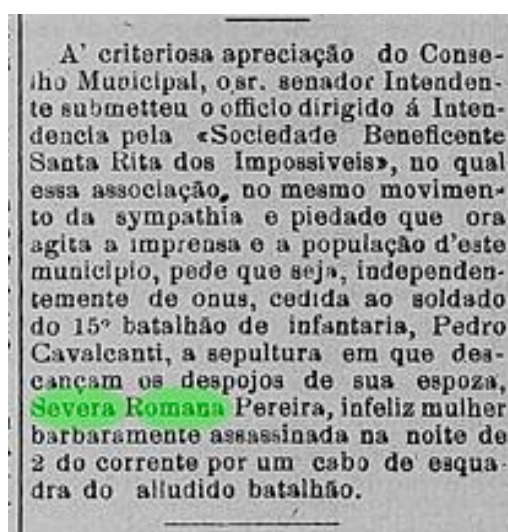
Para Halbwachs a memória individual existe sempre a partir da memória coletiva, ele diz que na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível”.(HALBWACHS, 2004, p.41). Ao pensar o caso de Severa, isso nos faz pensar que cada indivíduo que passou a ser um seguidor de Severa, participou de alguma forma da comoção popular para sentir a “intuição sensível” de se mobilizar pela história desta mulher.

Com o passar do tempo, foi atribuído a Severa o título de “Santa Popular”, porque segundo os fiéis, os pedidos que faziam à Severa eram atendidos por ela. (O LIBERAL, 1989, p. 2).

Portanto, a mesma passou a ser cultuada pela população que acreditava que ela era uma fonte de milagres. A população costuma ir ao seu túmulo localizado no cemitério de Santa Izabel, em Belém do Pará, para fazer suas preces até os dias de hoje.

O túmulo de Severa foi construído a partir da comoção da população que se fez presente durante e depois de sua morte. Abaixo temos um trecho do Jornal *O Pará* em que se fala desta comoção pela sepultura de Severa:

Figura 1 - Jornal *O Pará*, 1900, p.2.



Fonte: Acervo do autor.

Como se pode observar, foi realizada uma verdadeira campanha conjunta entre os mais e menos abastados para que fosse construído o túmulo da mulher de honra, Severa Romana, que para os habitantes da época serviu como um exemplo de fidelidade conjugal.

#### **4 CONSIDERAÇÕES**

A discussão de memória se apresenta neste artigo por conta do grande alcance a grupos populares que a história de Severa Romana teve e como consequência disso, a tradição de cultuá-la se firmou. Atualmente, Severa Romana é lembrada e venerada através de diversas maneiras: preces, arte, estudos e pesquisas acadêmicas, por exemplo, o fato de inúmeras pessoas que fazem visitas em seu túmulo localizado no município de Santa Izabel – sepultura de número 25.672, quadra 284 -, que como já foi dito ela se tornou uma “Santa Popular”, seu nome em instituições como o “Instituto Severa Romana”, peças de teatro como “Severa Romana, a mártir popular”, o curta-metragem “Severa Romana” que está disponível na internet.

Um projeto inovador é o de levar a história de Severa Romana para a linguagem dos quadrinhos. Esse projeto está sendo desenvolvido pelo Centro de Memória da Amazônia que está vinculado à Universidade Federal do Pará - UFPA. O documento de Severa Romana pertence ao Tribunal de Justiça do Estado, apesar de o mesmo ter passado a guarda deste processo criminal original, assim como muitos outros processos para este Centro salvaguardar.

Assim, percebe-se que a grande comoção por parte da população e a popularidade que ganhou o caso de Severa se consolidou até os dias de hoje. Os jornais da época que acompanhavam o julgamento do caso e a comissão organizada para arrecadar fundos para o sepulcro da vítima envolveu grupos populares de todas as classes.

Ao falarmos da memória de Severa, encontramos diversas faces de pesquisa também: como estudar a sociedade da época, ao falar da história trágica dessa mulher agregados aos valores da época, a condição do que era ser mulher, a força da população, a dinâmica social, entre outros. A grande repercussão do caso de Severa Romana na época não se enfraqueceu com o passar do tempo, pelo contrário, sua memória encontra-se viva na memória

de seus fiéis, nas artes, em estudos acadêmicos, bem como, na história do povo paraense.

## **REFERÊNCIAS**

SARGES, Maria de Nazaré. **Riquezas reproduzindo a Bellé Époque**. Editora Pakatatu, 2002.

CALDERARO, Jorge. **Severa Romana: “Santa Popular e Heroína da Honra”**. Editora Calderaro, 2007.

DEL PRIORI, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. Editora Contexto, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Unicamp, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

## **OUTRAS FONTES CONSULTADAS**

*Jornal A Província do Pará.*

*Jornal O Pará.*

*Jornal Folha do Norte.*

*Jornal O Liberal*

Processo Criminal do 2º Distrito Criminal de Severa Romana, disponível em ([http://www.ufpa.br/cma/flashpapers/processo\\_crime\\_severa\\_romana.swf](http://www.ufpa.br/cma/flashpapers/processo_crime_severa_romana.swf))